

TEXTO ELSA GARCIA

RITA BARROS DISPLACEMENT

A fotógrafa Rita Barros vive no mítico Chelsea Hotel (Nova Iorque) há cerca de 30 anos. Por esta Torre de Babel da cultura pop já habitaram uma infinidade de personalidades, entre elas músicos, artistas, escritores, realizadores e actores. No ano passado o icónico hotel foi vendido, várias situações perturbadoras têm ocorrido e o seu futuro permanece uma incógnita. Rita Barros está agora a preparar uma nova série, não sobre a época áurea deste espaço, mas sim sobre o seu fim. Como alguém já referiu trata-se de um genocídio da contra-cultura...

Como surgiu a ideia para a tua nova série “Displacement”?

Não me surgiu, caiu-me em cima como um martelo. O Chelsea foi vendido em Agosto passado e os novos donos não consideraram os seus habitantes na equação do prédio. Passámos a ser tratados como não existentes, querendo livrar-se de nós de todas as formas possíveis, demolindo de forma selvagem cerca de 200 apartamentos. Os residentes uniram-se, criámos uma associação e começámos a lutar através dos tribunais. Houve um residente que teve que abandonar o seu quarto porque o tecto da cozinha lhe caiu em cima, outro ficou com a casa inundada, entre muitas outras peripécias. Instalou-se uma espécie de terror compulsivo que me tem levado a documentar através da lente as atrocidades pelas quais o Hotel está a passar.

E qual é o novo projecto para o Hotel, em que é que se vai transformar?

Nunca fomos informados sobre as novas ideias. Após os primeiros três meses de terror apresentaram-nos os planos que viemos a descobrir que não correspondiam à realidade. Conseguimos entretanto descobrir que se trata de uma empresa de construção, que tem a pior fama possível, e cuja ambição é a de construir uma discoteca no topo do Hotel, mais não sabemos. Já são apelidados de exterminadores, pois estão a lidar com a parte humana da pior forma possível.

O que é que representam para ti três décadas no Chelsea?

É a minha vida. Realizei muitos projectos utilizando o Hotel indirecta e indirectamente e tem sido o meu espaço de trabalho. Fiz o livro “15 anos: Chelsea Hotel”, e desde então que as ideias não param de surgir. Desenvolvi uma série de fotografias tiradas no meu apartamento que se transformaram em livros de autor, que foram apresentados no Porto Capital da Cultura e estiveram expostos na Casa da Cerca, em Almada. Este espaço encerra muitas histórias, amigos, vizinhos e muitas partilhas.

Uma vez em Portugal, não tens receio de voltar e de encontrar o teu quarto demolido?

Claro que sim, mas tenho um vizinho que vai todos os dias fiscalizar as possíveis alterações. Entretanto ao viajar dei por mim a pensar no mais importante que deveria salvaguardar. Foi assim que aluguei um cofre num banco em que ao invés de depositar jóias, depusitei negativos (risos).

Há uns anos atrás fizeste o livro “15 Anos: Chelsea Hotel” sobre os artistas e os seus apartamentos. Pensas agora fazer um outro livro sobre os destroços e os despejos, estabelecendo um paralelismo?

Sim, a série “Displacement” é um início para esse projecto e é inclusive uma forma de eu tentar perceber o que se está a passar. Tem sido uma espécie de terapia para gerir este terror e este pânico. Dei por mim a fotografar o mais vasto tipo de situações, desde paredes demolidas, destroços a portas seladas. Tenho neste momento um gigantesco arquivo fotográfico. Já não é o prédio que me está a afundar, e sim o meu arquivo. Decidi então criar um slide-show bastante pessoal que representa um pouco a matriz de todos os acontecimentos.

Têm ocorrido no espaço mais manifestações artísticas que contestem os acontecimentos?

Sim, tenho uma vizinha, a Nicola, com quem já trabalhei algumas vezes, que decidiu fazer um documentário e uma performance sobre as recentes ocorrências. Ela conseguiu falar com todas as pessoas que ainda residem no espaço sobre o que este representa. Entretanto fez uma performance, em que colocou nove caricaturas de personagens que habitaram o Chelsea sobre um tecido branco, como de fantasmas se tratassem. Entre elas destacam-se Sid Vicious, Janis Joplin, Andy Warhol, Mark Twain, entre outros. Estas personagens circularam pelos corredores destruídos e vazios do Hotel, a lembrar o passado que está a ser aniquilado. À noite Nicola fez um jantar no corredor, para o qual encomendou a um restaurante que também faz parte da história do Hotel, a sua especialidade: lagosta. Tudo culminou numa ceia para nove mulheres, às 21h, com nove lagostas, nove batatas, nove ovos cozidos e nove bananas. Foi emblemático, e cada uma de nós contou a sua história, o que nos levou a viver no Chelsea e o que este representa...